

VISÃO DO CORREIO

Revisões abruptas da política tributária geram insegurança

Admissão pública do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de que o governo estuda revogar a chamada "taxa das blusinhas", instituída em 2024, desencadeou uma reação imediata e contundente do setor produtivo. Nesta semana, 67 associações de empresários e trabalhadores se mobilizaram e protocolaram um ofício no Palácio do Planalto em protesto contra a mudança, classificando o recuo presidencial como uma medida puramente "eleitoreira".

Lula defendeu o fim da taxação de plataformas de e-commerce asiáticas durante entrevista a um pool de esquerda. "Eu achava desnecessária a taxa das blusinhas. São compras muito pequenas, as pessoas de baixo poder aquisitivo é que compravam aquilo. Sei do prejuízo que isso trouxe para nós", disse.

Mas a cobrança de imposto sobre remessas internacionais de pequeno valor não nasceu de um capricho burocrático, mas de uma questão econômica. A medida foi aprovada pelo Congresso Nacional com o endosso enfático do Ministério da Fazenda, à época Fernando Haddad, para corrigir uma assimetria. A indústria e o varejo nacionais argumentavam, com certa razão, que estavam sendo esmagados pela "invasão" de produtos isentos de tributação. O objetivo da taxa era proteger a competitividade interna e preservar empregos formais no Brasil.

Faz sentido, dessa forma, questionar a guinada no entendimento por parte do Executivo. Ao acenar com a derrubada

do tributo para recuperar popularidade às vésperas de ir às urnas, o presidente corre o risco de quebra de confiança do setor produtivo que apoiou a negociação há dois anos.

O episódio ilustra bem um problema que todo governante passa: a ilusão de que o Estado é capaz de agradar a todos simultaneamente. Governar, por definição, exige a coragem de fazer escolhas excludentes. Se o governo decide proteger a indústria e os empregos locais, fatalmente impõe um custo maior ao consumidor final; se opta por escancarar as portas para produtos estrangeiros baratos, asfixia o empresário nacional e os trabalhadores que dependem dele. Não existe mágica aritmética capaz de conciliar esses dois mundos sem atritos.

O que se deseja do Palácio do Planalto não é a infalibilidade em suas escolhas econômicas, mas a firmeza e a coerência institucional para defendê-las após tomadas. Submeter a política tributária a revisões abruptas, cria um ambiente de insegurança que prejudica o planejamento do setor produtivo e confunde a própria sociedade.

Quando o governo hesita e demonstra disposição para desfazer as próprias medidas estruturais apenas para evitar desgastes de curto prazo, a mensagem que transmite não é de sensibilidade social, mas de instabilidade. A gestão pública exige convicção para sustentar decisões difíceis; sem ela, corre-se o risco de sacrificar a credibilidade econômica do país.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

CPI do Crime Organizado

Não é sobre os nomes expostos... É sobre o sistema que foi alcançado. Quando uma CPI chega ao topo da Justiça, o problema deixa de ser individual e passa a ser estrutural. Porque o verdadeiro risco não está em quem erra, mas em quando os mecanismos de controle falham justamente com quem deveria ser controlado. E é justamente aí que a CPI do Crime Organizado, no Senado da República, cumpre seu papel constitucional: fiscalizar, investigar e trazer à luz aquilo que muitos preferem ignorar — mesmo quando lideranças do Congresso escolhem fechar os olhos ou fazer vista grossa. Porque, quando o silêncio vira regra no topo, alguém precisa ter coragem de romper. E, quando isso acontece, não é só a confiança que se perde. É a própria ideia de Justiça e de igualdade perante a lei que começa a ruir.

» **Artur Benevides**
Brasília

Brasilienses endividados

Quase metade dos lares do Distrito Federal vive com o coração apertado. A inadimplência angustia muita gente. É escolher o que dá para pagar, é respirar fundo antes de abrir a porta, é fazer contas que nunca fecham. A crise é silenciosa, mas o sofrimento, não. Ninguém deveria enfrentar o mês como quem enfrenta uma maratona sem fôlego.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Trânsito do DF virou castigo

Acidente entre três carros trava o Eixão Sul na manhã desta quinta-feira. Brasília está em caos no trânsito. Só nesta semana, presenciei dois acidentes de carro na minha frente. Um deles naquela pista atrás do Sudoeste, a Epig, naquela obra que não acaba nunca, com uma rua extremamente sem iluminação adequada, com o trânsito parado e a sinalização horrível. É um verdadeiro castigo!

» **Brígida Taverna**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Está faltando Rivotril nas farmácias de Brasília e do DF. Nem o genérico está disponível. Será devido à "TPD", a tensão pré-delação?

José Airton de Brito — Asa Norte

Lendo e ouvindo reportagem sobre a prisão do ex-presidente do BRB, chego à conclusão de que há muita sujeira no caso. Depois de trabalhar 40 anos no serviço público, posso dormir tranquilo por ser honesto.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Governo admite transição no fim da escala 6X1 e expõe divergências internas. Todo mundo sabe que isso não vai passar, que é cortina de fumaça para ganhar a eleição

Anderson L. dos Santos — Paragominas (PA)

Há três possíveis perigos para acidentes como esses recentes no Eixão. Os motoristas estão andando muito colados, forçando a ultrapassagem, com o celular na mão e achando que estão em uma pista de corrida.

Hebert Santos — Brasília

Não tem nada de errado como Eixão. O que está errado fica entre o banco e o volante. Uma grande parte dos brasilienses parece dirigir de qualquer jeito. Isso quando não está com o pé afundado no acelerador ou com o celular na cara.

Camila Alencar — Brasília

dos mais fracos. Eles são irredutíveis e teimosos, mesmo tendo estudo, alguns até formados no exterior. Mas são vaidosos e nunca progridem espiritualmente, pois só pensam em dinheiro. E terminam solitários em alguma masmorra ou em um asilo, ou até mesmo em uma clínica. Sem receber visitas, esquecidos até de suas famílias. Não são humildes.

» **Emanuel Lima**
Taguatinga

Sermão com Tarantino

O nível de loucura que se abateu sobre os EUA, especialmente na cúpula governista, é assombroso. O secretário de Estado da Guerra (cargo que antes se chamava secretário de Defesa), Pete Hegseth, fez um sermão no Pentágono, citando versículos bíblicos. Até aqui, vá lá. Incrivelmente, e absurdamente, o secretário citou um versículo que não existe na Bíblia. Trata-se, na verdade, de uma adaptação de uma fala fictícia do filme *Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino. Esses são os mesmos que a extrema-direita brasileira venera, a quem pede apoio, a quem pretende entregar nossas terras raras e que chegaram a defender sanções contra o Brasil.

» **Marcus Aurelio de Carvalho Santos** (SP)

Quem é você no Gólgota?

Tenho em mãos o **Correio Braziliense** de 4 de abril, onde leio a crônica escrita por Marcos Paulo Lima intitulada *Quem é você no Gólgota?*. Em verdade, esse é o episódio mais comvente da Bíblia. Jesus e os dois ladrões crucificados junto com Ele: um à esquerda, o outro à direita. A população escolheu soltar Barrabás e condenar Jesus. Já naquele tempo, o povo não sabia votar. Mas, vamos aos dois ladrões. Um deles, deve ter sido o da esquerda, fala com deboche para Jesus. Mesmo ali, no auge de sua humilhação, não tem a humildade de pedir clemência a Deus. Ele é rebelde e irredutível em sua maldade. O outro, porém, está arrependido de seus erros e percebe que ali, no alto da cruz, só tem a Deus com sua misericórdia. Após arrepender seu parceiro de roubos, ele pede para Jesus se lembrar dele no paraíso. E Jesus o acolhe. Tenho conhecido várias pessoas como o Gestas: cruéis, hipócritas, adúlteros dos poderosos e exploradores



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

"Preciso dele feliz"

A prisão de Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB, inaugura uma nova etapa no escândalo revelado pela Operação Compliance Zero. Se, até aqui, o foco principal recaía sobre suspeitas de fraudes no sistema financeiro e operações temerárias envolvendo o Banco Master, a investigação agora avança para um terreno ainda mais sensível perante à opinião pública: o da corrupção clássica, marcada pela troca de favores, pelo uso indevido da máquina pública e pelo eventual pagamento de vantagens indevidas.

Os elementos tornados públicos chamam atenção não apenas pela gravidade, mas pela dimensão patrimonial do caso. A suspeita de negociação de apartamentos milionários em áreas nobres de Brasília e São Paulo como moeda de compensação revela um padrão sofisticado de recompensa, por meio de empresas de fachada. Não se trata de episódios marginais ou improvisados. São operações que, se confirmadas, indicam planejamento, estrutura e a tentativa de transformar relações institucionais em ativos privados.

As trocas de mensagens recuperadas pela Polícia Federal reforçam esse quadro. O tratamento cordial entre Paulo Henrique Costa e Daniel Vorcaro, dono do Master, descritos como "amigo", e a frase atribuída ao empresário — "preciso dele feliz" — extrapolam a mera informalidade. Em investigações dessa natureza, linguagem e contexto importam. Eles ajudam a iluminar vínculos que, por vezes, documentos formais tentam ocultar.

Mais relevante, porém, é o caminho que a apuração tende a seguir daqui em diante. O centro da investigação não está apenas nos negócios realizados, mas nas conexões políticas. Como se deu a aproximação entre Costa e Vorcaro? Quem patrocinou nomeações? Quem pressionou por operações consideradas arriscadas? Antes de chegar ao comando do BRB, Paulo Henrique Costa construiu carreira na Caixa, ambiente historicamente permeado por nomeações de influência partidária.

A prisão do ex-dirigente do BRB é apenas o prenúncio de dias turbulentos. Apesar de resistências institucionais e disputas jurídicas previsíveis, os próximos capítulos tendem a ser escritos por acordos de colaboração premiada. Caso avancem, eventuais delações de Daniel Vorcaro, de Fabiano Zettel e de outros envolvidos vão indicar novos passos e fases da Compliance Zero.

Em um ambiente pré-eleitoral que estamos, casos dessa magnitude mudam narrativas, embaralham alianças e aprofundam a descrença do cidadão na política e nas instituições, com bem detalhou o CEO da Nexus — Pesquisa e Inteligência de Dados, Marcelo Tokarski, nesta semana ao *Podcast do Correio*. O risco é conhecido por todos os atores políticos. Quando tudo parece deteriorado, prospera a lógica da terra arrasada, em que ninguém responde plenamente e todos tentam nivelar a crise por baixo.

A Compliance Zero ainda está em curso. Convém evitar sentenças precipitadas. Mas ignorar a gravidade do que já surgiu seria erro ainda maior. O país deve aguardar os próximos capítulos e as manhãs agitadas.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br